Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Uso de psicotrópicos no curso de medicina: ações e intervenções voltadas para os estudantes

Use of psychotropic drugs in medical school: actions and interventions for the students

Uso de fármacos psicotrópicos en la facultad de medicina: acciones e intervenciones dirigidas a los estudiantes

Giovana Ribeiro de Melo Afonso[1], Caroline Lourenço de Almeida[1], Daniel Zem Bernardes[2], Aline Mayumi Yamada Rocha[1], Pedro Henrique Maia Cardoso[1], Perséphone Bittencourt Peres Rafacho[1], Mariane Isadora Camargo[1], Henrique Pegorari e Silva[1], Mariana de Souto Payão[1], Verena Peruche Ramos[1].

RESUMO

Objetivo: Avaliar a compreensão de estudantes de Medicina sobre o uso de psicotrópicos e promover uma roda de conversa com distribuição de material educativo acerca dos riscos do uso indiscriminado e da importância do acompanhamento profissional. **Métodos:** Estudo de intervenção realizado com 19 estudantes de Medicina de uma instituição de ensino superior do interior paulista. Os participantes responderam a um questionário antes e após a roda de conversa, conduzida com apoio de um médico psiquiatra e uma psicóloga clínica. Os dados foram analisados de forma descritiva em planilhas Google®. **Resultados:** A maioria dos participantes era do sexo feminino, (78,9%) e tinha entre 18 e 20 anos (68,4%). O uso de psicotrópicos foi relatado por 26,3%, com predominância de antidepressivos. Observou-se aumento na identificação correta dos riscos associados ao uso de psicotrópicos e maior percepção de preparo para discutir o tema após a intervenção. **Conclusão:** A intervenção ampliou o conhecimento dos estudantes e reforçou a importância do uso racional de psicotrópicos no contexto acadêmico.

Palavras-chave: Medicamentos psicotrópicos, Estudantes de medicina, Educação em saúde, Saúde mental.

ABSTRACT

Objective: To evaluate medical students' understanding of psychotropic medication use and to promote a discussion group with the distribution of educational material about the risks of indiscriminate use and the importance of professional monitoring. **Methods:** An intervention study was conducted with 19 medical students from a higher education institution in the interior of São Paulo state. Participants answered a questionnaire before and after the discussion group, which was conducted with the support of a psychiatrist and a clinical psychologist. Data were analyzed descriptively using Google® spreadsheets. **Results:** The majority of participants were female (78.9%) and between 18 and 20 years old (68.4%). Psychotropic drug use was reported by 26.3%, predominantly antidepressants. An increase in the correct identification of risks associated with psychotropic drug use and a greater perception of preparedness to discuss the topic were

[1] Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), Assis – SP.
[2] Universidade Paulista - Campus Assis, Assis – SP.

SUBMETIDO EM: 4/2026 | **ACEITO EM: 5/2026** | **PUBLICADO EM: 7/2026**

observed after the intervention. **Conclusion:** The intervention broadened the students' knowledge and reinforced the importance of the rational use of psychotropic drugs in the academic context.

Keywords: Psychotropic drugs, Medical students, Health education, Mental health.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar la comprensión de los estudiantes de medicina sobre el uso de fármacos psicotrópicos y promover un grupo de discusión con la distribución de material educativo sobre los riesgos del uso indiscriminado y la importancia del seguimiento profesional. **Métodos:** Se realizó un estudio de intervención con 19 estudiantes de medicina de una institución de educación superior en el interior del estado de São Paulo. Los participantes respondieron un cuestionario antes y después del grupo de discusión, que se realizó con el apoyo de un psiquiatra y un psicólogo clínico. Los datos se analizaron descriptivamente utilizando hojas de cálculo de Google®. **Resultados:** La mayoría de los participantes eran mujeres (78,9%) y tenían entre 18 y 20 años (68,4%). El 26,3% reportó consumo de fármacos psicotrópicos, predominantemente antidepresivos. Se observó un aumento en la correcta identificación de los riesgos asociados al consumo de fármacos psicotrópicos y una mayor percepción de preparación para hablar del tema tras la intervención. **Conclusión:** La intervención amplió los conocimientos de los estudiantes y reforzó la importancia del uso racional de los fármacos psicotrópicos en el contexto académico.

Palabras clave: Fármacos psicotrópicos, Estudiantes de medicina, Educación para la salud, Salud mental.

INTRODUÇÃO

Os psicotrópicos são substâncias que atuam diretamente no Sistema Nervoso Central (SNC), promovendo alterações no humor, comportamento, cognição e percepção. Embora desempenhem papel fundamental no tratamento de diversos transtornos mentais, seu uso requer indicação precisa, acompanhamento profissional contínuo e monitoramento rigoroso de efeitos adversos, considerando o potencial de dependência e os riscos associados ao uso prolongado ou inadequado (SAMPAIO GR, et al., 2024; SANTOS DO, et al., 2024).

Nas últimas décadas, tem-se observado aumento expressivo do consumo de psicotrópicos, especialmente entre jovens adultos. Esse fenômeno insere-se em um contexto mais amplo de medicalização do sofrimento psíquico, no qual experiências subjetivas, como estresse, frustração e sofrimento emocional, passam a ser interpretadas predominantemente sob a ótica biomédica. Como consequência, observa-se crescente valorização de intervenções farmacológicas como resposta imediata a demandas complexas, influenciada por fatores sociais, culturais e econômicos, como maior acesso aos serviços de saúde, ampliação dos diagnósticos psiquiátricos e naturalização do uso de medicamentos psicoativos na sociedade contemporânea (SANTOS JCG, et al., 2023; PAULA WD, et al., 2025).

No ambiente universitário, especialmente em cursos da área da saúde, essa problemática adquire contornos específicos. Estudantes de Medicina estão expostos a múltiplos fatores de risco para o desenvolvimento de sofrimento psíquico, incluindo elevada carga horária, privação de sono, competitividade acadêmica, pressão por desempenho e contato precoce com situações de dor, sofrimento e morte. Paradoxalmente, mesmo com maior acesso ao conhecimento técnico, esses estudantes não estão imunes ao uso inadequado de psicotrópicos, sendo frequente a adoção de estratégias como automedicação ou uso sem supervisão adequada. Tal cenário evidencia um descompasso entre o conhecimento teórico e as práticas de autocuidado em saúde (RABAIOLLI AMS, et al., 2025; PACHECO JP, et al., 2021; FERREIRA LR, et al., 2022).

A facilidade de acesso a essas substâncias, aliada à percepção de eficácia imediata no alívio dos sintomas, contribui para a consolidação de padrões de consumo que nem sempre consideram os riscos de dependência, tolerância medicamentosa e efeitos adversos. De acordo com o National Institute on Drug Abuse (NIDA) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), diferentes classes de substâncias psicoativas — incluindo

ansiolíticos, antidepressivos, estimulantes e outras drogas lícitas e ilícitas — apresentam potencial significativo de abuso e dependência, especialmente quando utilizadas fora de indicação adequada (NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE, 2023; ANVISA, s.d.).

Nesse contexto, a instituição de ensino superior assume papel estratégico, podendo atuar tanto como fator de risco quanto de proteção. Ambientes acadêmicos que promovem práticas pedagógicas humanizadas, fortalecem vínculos interpessoais e implementam políticas institucionais de apoio à saúde mental tendem a reduzir a vulnerabilidade dos estudantes ao uso indiscriminado de psicotrópicos. Em contrapartida, a ausência dessas estratégias pode contribuir para a intensificação do sofrimento psíquico e para a adoção de respostas individualizadas e medicalizantes (BARBOSA GG, et al., 2024).

Estudo prévio realizado na mesma instituição evidenciou prevalência significativa do uso de psicotrópicos entre estudantes de Medicina, com destaque para antidepressivos, anfetaminas e ansiolíticos, associados principalmente a sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Além disso, parcela expressiva dos estudantes relatou sinais sugestivos de dependência, como retorno dos sintomas após a suspensão da medicação e manifestações físicas e emocionais relacionadas ao uso (AFONSO GRM, et al. 2025).

Diante desse cenário, torna-se fundamental desenvolver estratégias que promovam o uso racional de psicotrópicos e ampliem a compreensão dos estudantes acerca dos riscos associados ao seu consumo indiscriminado. Intervenções educativas baseadas em metodologias participativas, como rodas de conversa, destacam-se por favorecer a reflexão crítica, a troca de experiências e o fortalecimento da autonomia no cuidado com a própria saúde mental.

Assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar a compreensão de estudantes de Medicina sobre o uso de psicotrópicos e analisar os efeitos de uma intervenção educativa, baseada em roda de conversa, na ampliação do conhecimento e na percepção crítica acerca dos riscos associados ao uso dessas substâncias no contexto acadêmico.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de intervenção educacional, com delineamento quase-experimental do tipo antes e depois, de abordagem quantitativa descritiva, realizado em 07 de agosto de 2025, no auditório da Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA). A intervenção consistiu em uma roda de conversa intitulada “Uso de psicotrópicos no curso de Medicina: perigos do uso indevido e necessidade de orientação profissional”, conduzida com a participação de um médico psiquiatra e uma psicóloga clínica convidados.

Participaram do estudo 19 estudantes regularmente matriculados no curso de Medicina da instituição. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado, elaborado pela pesquisadora na plataforma Google Forms®, aplicado em dois momentos: antes e após a intervenção. O acesso ao instrumento foi disponibilizado por meio de QR Code projetado em tela durante a atividade.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Educacional do Município de Assis, sob parecer nº 6.231.855 e CAAE 66512222.5.0000.8547, em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes consentiram voluntariamente em participar da pesquisa, sendo assegurados anonimato e confidencialidade das informações.

Os dados foram organizados e analisados por meio do Google Planilhas®. Realizou-se análise descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas e medidas de tendência central para variáveis numéricas.

RESULTADOS

Participaram do estudo 19 estudantes de Medicina, com predominância do sexo feminino, correspondendo a 15 estudantes (78,9%) em relação ao masculino (21,1%). A faixa etária variou entre 18 e 50 anos, com maior concentração entre 18 e 20 anos (68,4%), caracterizando uma amostra majoritariamente composta por adultos jovens em início de formação acadêmica. Quatro participantes encontravam-se na faixa etária entre 21 e 25 anos, enquanto dois estudantes apresentaram idades superiores (29 e 50 anos).

Quanto ao perfil sociodemográfico, a maioria dos estudantes declarou a cidade de Assis como naturalidade e local de residência. Em relação ao estado civil, observou-se predominância de indivíduos solteiros (94,7%) correspondendo a 18 estudantes, com pequena proporção de participantes divorciados (n=1; 5,3%). No que se refere à religião, a maior parte dos estudantes se identificou como católica, evidenciando um perfil relativamente homogêneo sob esse aspecto.

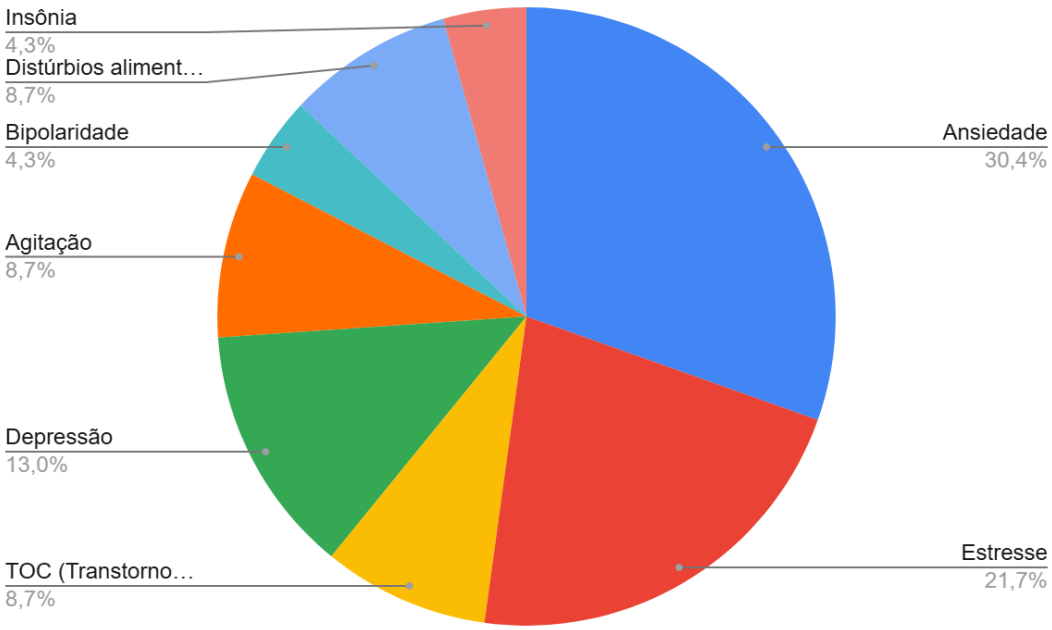
Em relação à etapa da graduação, verificou-se predomínio expressivo de estudantes ingressantes, com 73,7% (n=14) matriculados no primeiro semestre do curso. Os demais participantes estavam distribuídos entre os semestres 3º, 6º, 7º, 8º e 10º, com um estudante em cada período. Apenas um participante relatou possuir filhos (três), indicando baixa prevalência de responsabilidades familiares entre os respondentes.

No que se refere ao uso de psicotrópicos, 26,3% dos participantes (n=5) relataram fazer uso dessas substâncias, enquanto 73,7% (n=14) afirmaram não as utilizar. Entre os medicamentos citados, observou-se diversidade de fármacos, incluindo antidepressivos tricíclicos (nortriptilina), inibidores seletivos da recaptação de serotonina (fluoxetina, sertralina, escitalopram), um antidepressivo não especificado, além de clonazepam. Um participante relatou uso de álcool, substância psicoativa lícita, que deve ser analisada separadamente dos medicamentos psicotrópicos.

Entre os estudantes que relataram uso de psicotrópicos, a maioria afirmou possuir prescrição médica e acompanhamento psiquiátrico, com exceção do participante que indicou uso de álcool. Em relação ao acompanhamento psicológico, 47,4% dos estudantes declararam realizá-lo, enquanto 52,6% não estavam em acompanhamento no momento da coleta de dados.

Quando investigados os motivos associados ao uso de psicotrópicos, considerando que a questão permitia múltiplas respostas, os motivos mais citados foram ansiedade (30,4%), estresse (21,7%) e depressão (13%). Outros fatores relatados incluíram transtorno obsessivo-compulsivo, distúrbios alimentares e agitação (8,7% cada), além de bipolaridade e insônia (4,3% cada). Os dados referentes à distribuição desses motivos estão apresentados no **Gráfico 1**.

Gráfico 1 - Motivos relatados para o uso de psicotrópicos entre os estudantes participantes da roda de conversa.



Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Na etapa inicial do questionário, foram aplicadas questões com o objetivo de avaliar o conhecimento prévio dos estudantes acerca do uso de psicotrópicos. Em relação à definição de psicotrópicos, 94,7% dos participantes responderam corretamente que se tratam de substâncias que atuam no sistema nervoso central (SNC), enquanto 5,3% apresentaram resposta incorreta, associando essas substâncias exclusivamente ao uso em internações psiquiátricas.

Quanto ao reconhecimento dos principais grupos de psicotrópicos, a maioria dos estudantes identificou adequadamente classes como antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e estabilizadores de humor. No entanto, foi observado equívoco pontual, com um participante incluindo antibióticos entre essas categorias.

No que se refere aos efeitos adversos do uso prolongado de benzodiazepínicos, 89,5% dos estudantes reconheceram corretamente manifestações como sonolência, dependência medicamentosa e prejuízo cognitivo. Por outro lado, 10,5% selecionaram alternativa incorreta, indicando “aceleração do metabolismo” como efeito associado.

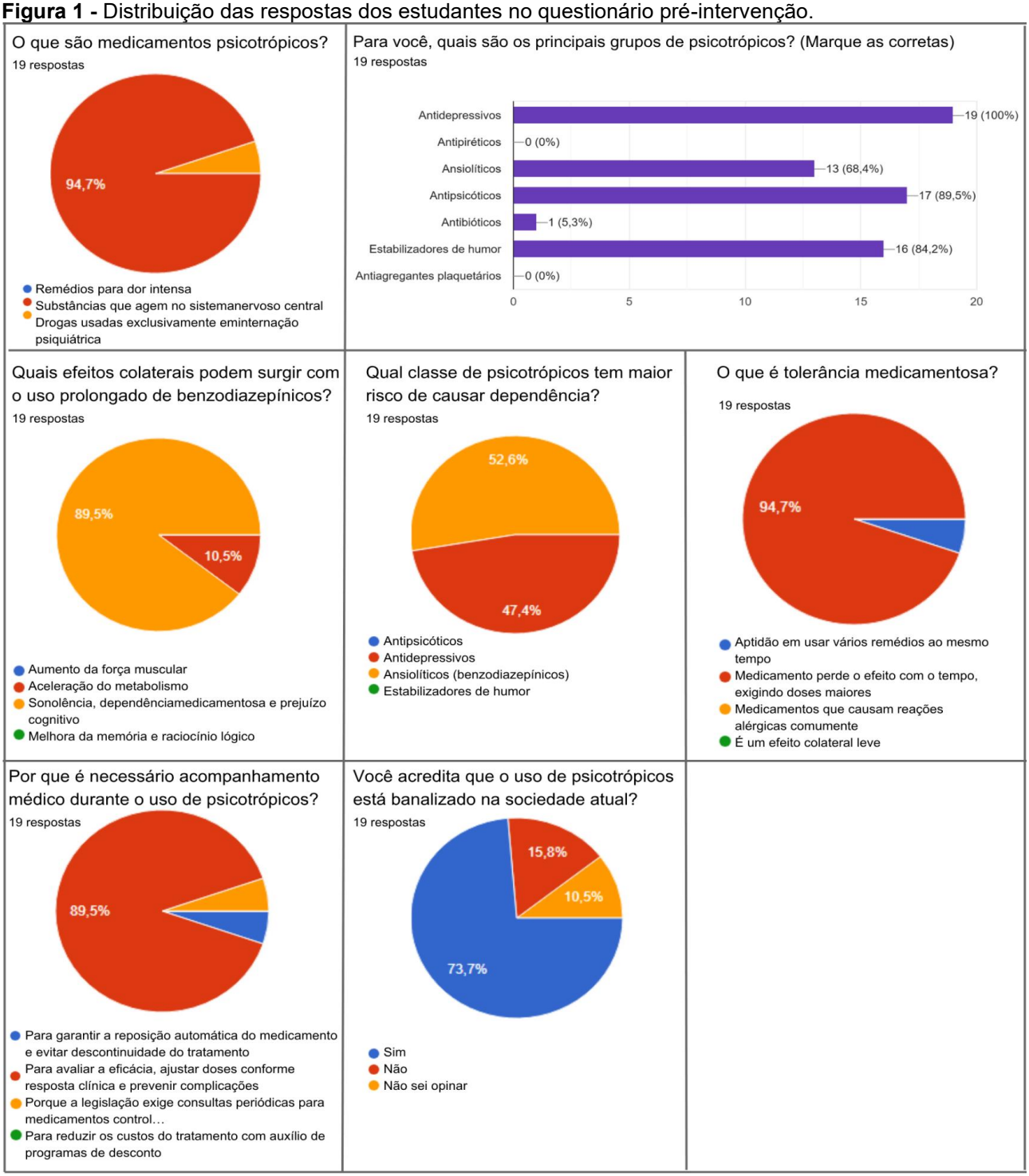
Em relação ao risco de dependência entre as classes de psicotrópicos, 52,6% dos participantes identificaram corretamente os ansiolíticos (benzodiazepínicos) como os fármacos com maior potencial de dependência, enquanto 47,4% atribuíram esse risco, de forma equivocada, aos antidepressivos.

Quando questionados sobre o conceito de tolerância medicamentosa, 94,7% dos estudantes assinalaram corretamente a definição correspondente à perda progressiva do efeito do medicamento ao longo do tempo, exigindo aumento de dose para manutenção da resposta terapêutica. Entretanto, 5,3% apresentaram compreensão inadequada, associando o conceito à capacidade de utilizar múltiplos medicamentos simultaneamente.

No que diz respeito à necessidade de acompanhamento médico durante o uso de psicotrópicos, 89,5% dos participantes reconheceram corretamente sua importância para avaliação da eficácia terapêutica, ajuste de doses e prevenção de efeitos adversos. Em contrapartida, 10,6% demonstraram entendimento limitado, associando o acompanhamento apenas à reposição do medicamento ou à exigência legal para renovação de prescrições.

Em relação às questões de caráter perceptivo, observou-se que 73,7% dos estudantes consideraram que o uso de psicotrópicos encontra-se banalizado na sociedade contemporânea, enquanto 15,8% discordaram dessa afirmação e 10,5% declararam não saber opinar. Esses dados evidenciam a predominância de uma percepção crítica quanto à naturalização do consumo dessas substâncias entre os participantes. Os resultados detalhados das respostas pré-intervenção estão apresentados na **Figura 1**.

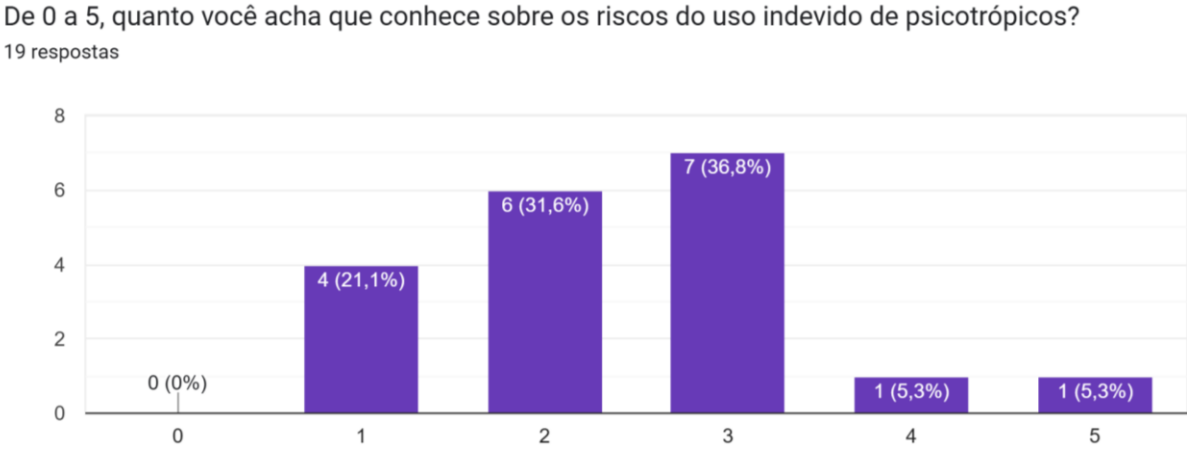
Figura 1 - Distribuição das respostas dos estudantes no questionário pré-intervenção.



Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Na sequência, foi avaliado o nível de conhecimento autopercebido pelos estudantes acerca dos riscos relacionados ao uso indevido de psicotrópicos, antes da realização da intervenção. Para essa análise, utilizou-se uma escala numérica de 0 a 5 pontos, na qual valores mais elevados indicavam maior percepção de domínio sobre o tema. Os resultados obtidos evidenciam a distribuição das respostas dos participantes ao longo da escala, permitindo identificar diferentes níveis de autopercepção quanto à capacidade de reconhecer e discutir os potenciais riscos associados ao uso dessas substâncias. A representação gráfica desses dados encontra-se no **Gráfico 2**, que ilustra a frequência das respostas em cada nível da escala adotada.

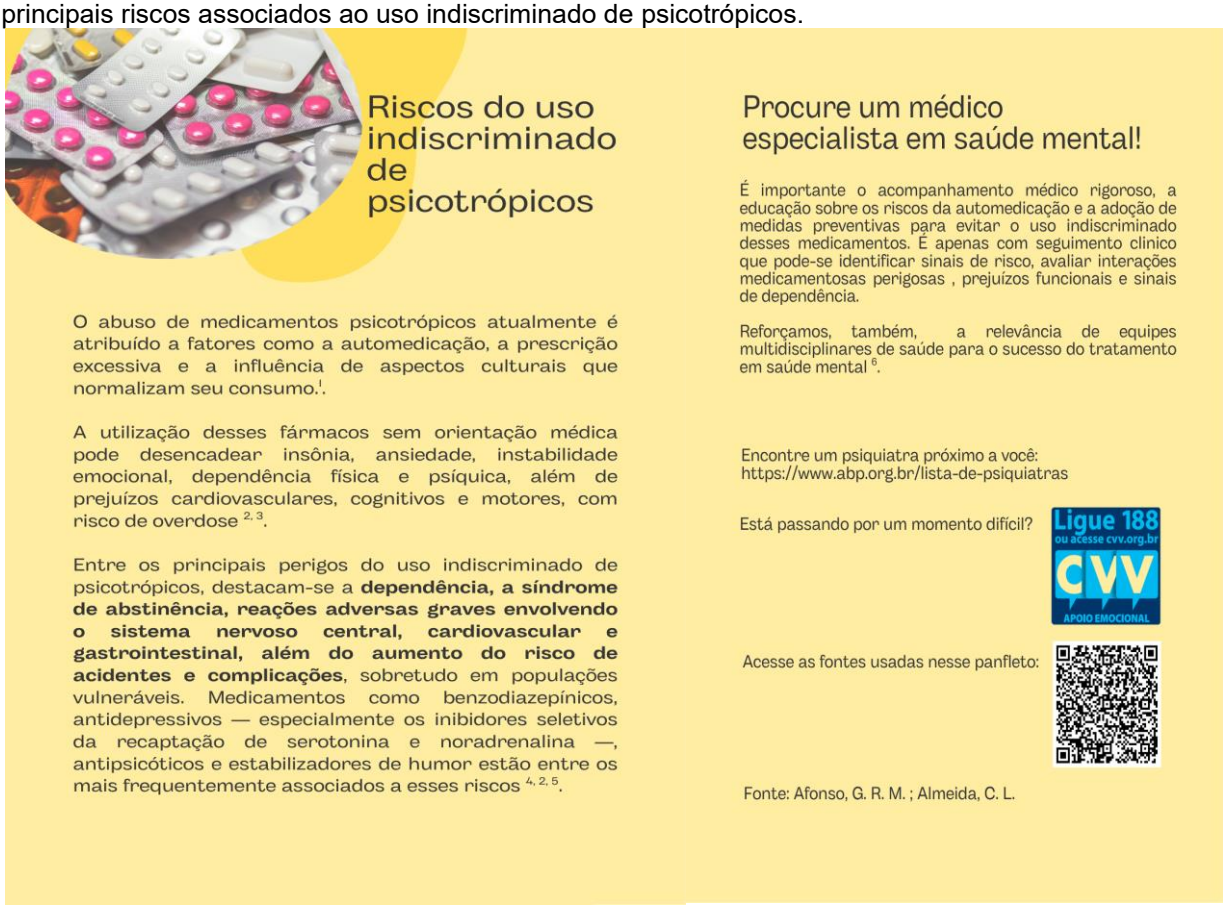
Gráfico 2 - Autoavaliação dos estudantes de Medicina quanto ao nível de conhecimento sobre os riscos do uso indevido de psicotrópicos, em escala de 0 a 5 pontos, antes da realização da roda de conversa.



Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Antes da realização da roda de conversa, os estudantes foram questionados quanto ao seu preparo para discutir o uso racional de psicotrópicos. Observou-se que 36,8% dos participantes relataram sentir-se preparados, 21,1% afirmaram não se considerar aptos e 42,1% declararam sentir-se parcialmente preparados para abordar o tema. Esses dados evidenciam a distribuição do nível de autopercepção dos estudantes em relação à sua capacidade de discussão sobre o uso racional dessas substâncias.

Figura 2 - Panfleto educativo entregue durante a roda de conversa, contendo informações sobre os principais riscos associados ao uso indiscriminado de psicotrópicos.



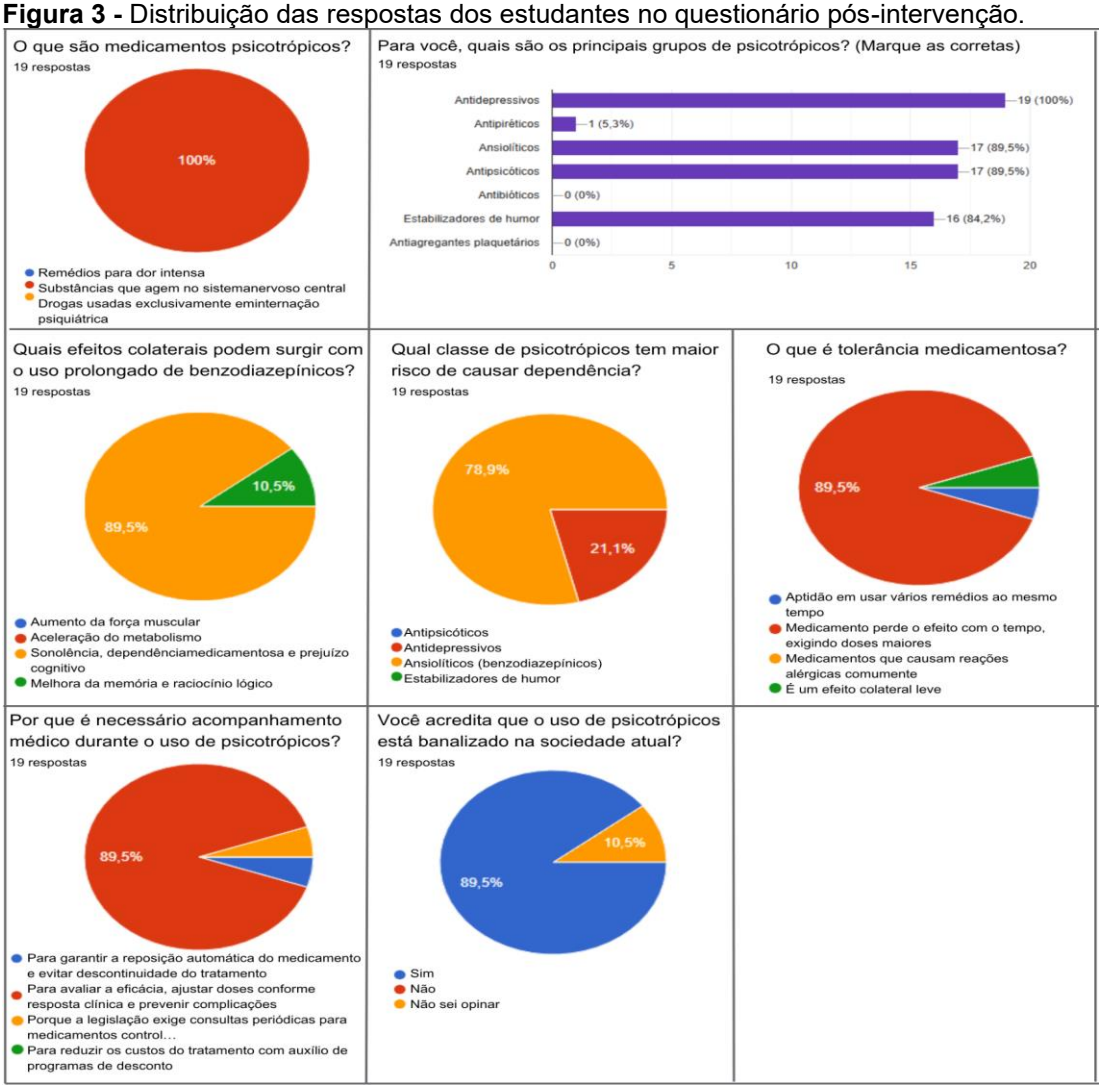
Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Na etapa subsequente, as mesmas questões do questionário inicial foram reaplicadas com o objetivo de avaliar a evolução do conhecimento dos estudantes após a intervenção. Observou-se melhora no desempenho geral dos participantes. Em relação à definição de psicotrópicos, 100% dos estudantes responderam corretamente que se trata de substâncias que atuam no sistema nervoso central. De forma semelhante, houve elevada taxa de acertos na identificação dos principais grupos de psicotrópicos, com manutenção de equívoco pontual por um participante, que incluiu antipiréticos entre essas classes.

No que se refere aos efeitos adversos do uso prolongado de benzodiazepínicos, 89,5% dos estudantes reconheceram corretamente os riscos associados, enquanto 10,5% apresentaram respostas incorretas. Em relação ao potencial de dependência, 78,9% identificaram corretamente os ansiolíticos como a classe de maior risco, enquanto 21,1% atribuíram esse risco aos antidepressivos. Quanto ao conceito de tolerância medicamentosa, 89,5% dos participantes demonstraram compreensão adequada, enquanto 10,6% apresentaram interpretações incorretas. Resultados semelhantes foram observados na questão sobre a necessidade de acompanhamento médico, com 89,5% de respostas corretas e 10,6% ainda associando o acompanhamento apenas a aspectos administrativos ou de prescrição.

Nas questões de caráter perceptivo, observou-se mudança nas respostas relacionadas à banalização do uso de psicotrópicos na sociedade, com aumento da proporção de estudantes que reconheceram esse fenômeno (89,5%) e ausência de respostas negativas, enquanto 10,5% declararam não saber opinar. Os resultados detalhados das respostas pós-intervenção estão apresentados na **Figura 3**.

Figura 3 - Distribuição das respostas dos estudantes no questionário pós-intervenção.

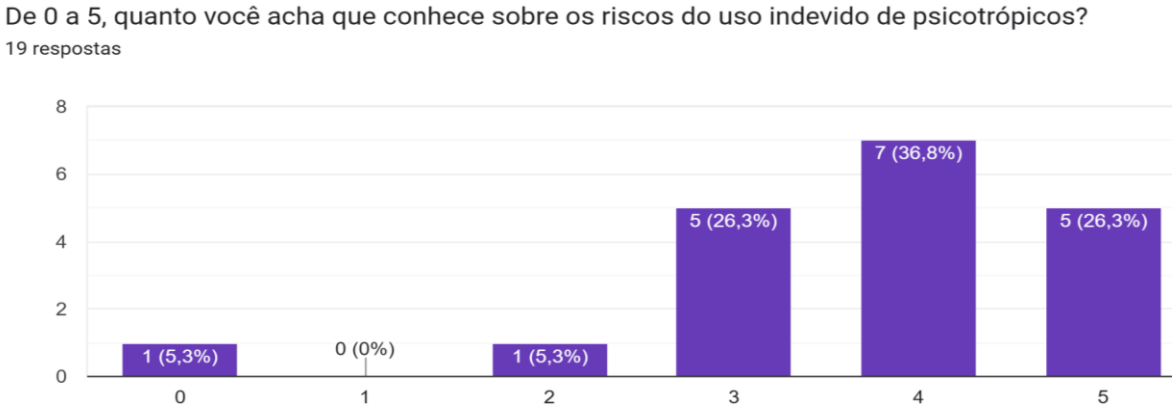


Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Na sequência, foi realizada a avaliação do nível de conhecimento autopercebido dos participantes acerca dos riscos relacionados ao uso indevido de psicotrópicos após a intervenção, utilizando a mesma escala numérica de 0 a 5 pontos, na qual valores mais elevados indicam maior percepção de domínio sobre o tema.

Os resultados evidenciam a distribuição das respostas ao longo da escala, permitindo identificar mudanças no nível de autopercepção dos estudantes quanto à sua capacidade de reconhecer e discutir os potenciais riscos associados ao uso dessas substâncias após a atividade educativa. A representação gráfica desses dados encontra-se no **Gráfico 3**, que apresenta a frequência das respostas em cada nível da escala adotada.

Gráfico 3 - Autoavaliação dos estudantes de Medicina quanto ao nível de conhecimento sobre os riscos do uso indevido de psicotrópicos, em escala de 0 a 5 pontos, após a realização da roda de conversa.



Fonte: Afonso GRM, et al., 2026.

Em síntese, os resultados evidenciaram que:

1. O uso de psicotrópicos foi relatado por mais de um quarto dos estudantes, com predominância de antidepressivos.

2. O conhecimento prévio sobre o tema mostrou-se satisfatório em conceitos básicos, mas com lacunas importantes quanto ao risco de dependência.

3. Após a intervenção, houve melhora nos índices de acerto, maior percepção crítica sobre a banalização do uso de psicotrópicos e elevação no nível de preparo autodeclarado para discutir o tema.

Esses achados reforçam a efetividade da roda de conversa como estratégia educativa para ampliar o conhecimento e a reflexão crítica sobre o uso racional de psicotrópicos no meio acadêmico.

DISCUSSÃO

Os achados deste estudo confirmam que o uso de psicotrópicos entre estudantes de Medicina constitui uma realidade relevante e multifatorial, em consonância com evidências nacionais que apontam elevada prevalência de sofrimento psíquico nessa população. Fatores como alta carga horária, exigência cognitiva constante, competitividade acadêmica e exposição precoce a situações de sofrimento humano contribuem para a vulnerabilidade emocional dos estudantes, podendo favorecer o desenvolvimento de sintomas ansiosos e depressivos e contribuir para o uso de medicamentos psicotrópicos como estratégia de enfrentamento (TOVANI JBE, et al., 2021; PUCCI AOV, et al., 2023; LEMOS-SANTOS P, *et al*., 2024; VASCONCELOS KNF et al., 2025). Observou-se maior frequência de uso entre estudantes dos semestres iniciais, achado que deve ser interpretado com cautela, considerando que a amostra foi composta majoritariamente por ingressantes, o que diverge de parte da literatura, que associa maior sofrimento psíquico aos períodos finais da graduação, especialmente durante o internato. Essa diferença pode ser compreendida a partir do processo de transição para o ensino superior, caracterizado por mudanças significativas na rotina, afastamento do suporte familiar, adaptação a novas demandas acadêmicas e necessidade de reorganização

de estratégias de enfrentamento. Esse período inicial pode representar uma fase crítica de vulnerabilidade, frequentemente subestimada pelas instituições de ensino, que tendem a concentrar ações de apoio em momentos mais avançados da formação.

Nesse contexto, os dados reforçam a necessidade de ampliação de estratégias institucionais de acolhimento e suporte desde o ingresso na graduação, incluindo programas de tutoria, acompanhamento psicológico precoce e ações educativas contínuas voltadas à promoção da saúde mental. A ausência ou fragilidade dessas estratégias pode contribuir para a adoção de respostas individualizadas, como a medicalização do sofrimento psíquico, na qual experiências subjetivas são predominantemente interpretadas sob a ótica biomédica, com valorização do uso de medicamentos em detrimento de abordagens psicossociais.

Em relação ao perfil de consumo, a predominância de antidepressivos observada neste estudo é consistente com a literatura, refletindo a alta frequência de sintomas depressivos e ansiosos nessa população. Contudo, esse achado também suscita reflexões sobre possíveis processos de ampliação diagnóstica e uso prolongado dessas medicações, especialmente em contextos nos quais o acesso a acompanhamento psicológico contínuo é limitado. Ainda que a maioria dos participantes tenha relatado acompanhamento médico, a presença de uso de substâncias como benzodiazepínicos e álcool indica a necessidade de atenção quanto ao risco de uso inadequado, dependência e associação com outras substâncias psicoativas. No contexto das políticas públicas brasileiras, o uso dessas substâncias é reconhecido como uma questão de saúde pública inserida no campo da saúde mental, demandando cuidado integral e abordagem psicossocial. (RAMALHO AA e ALBUQUERQUE RN, 2021; BRASIL, 2025)

Outro ponto relevante refere-se às lacunas identificadas no conhecimento dos estudantes, especialmente quanto ao potencial de dependência dos ansiolíticos. Esse resultado evidencia que, mesmo em uma população com formação na área da saúde, persistem fragilidades em aspectos críticos relacionados ao uso racional de medicamentos. Esse achado está alinhado a estudos que demonstram que o conhecimento técnico não necessariamente se traduz em práticas seguras, particularmente em contextos marcados por estresse e vulnerabilidade emocional (OLIVEIRA MA, et al., 2023).

A intervenção educativa realizada, por meio da roda de conversa, demonstrou impacto positivo tanto no aumento do conhecimento quanto na modificação das percepções dos estudantes. A melhora na identificação dos riscos associados ao uso de psicotrópicos e o aumento da percepção de preparo para discutir o tema indicam que estratégias educativas baseadas no diálogo podem ser eficazes na promoção do uso racional de medicamentos. Esse resultado corrobora diretrizes nacionais que enfatizam a importância de práticas educativas participativas e contextualizadas na formação em saúde (BRASIL, 2021; DURIGON V, et al., 2023). Do ponto de vista pedagógico, a roda de conversa configura-se como uma metodologia ativa que favorece a problematização, a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento. Diferentemente de abordagens tradicionais centradas na transmissão de conteúdo, esse formato permite que os estudantes reflitam criticamente sobre suas próprias vivências e percepções, promovendo a desnaturalização do uso indiscriminado de psicotrópicos e fortalecendo a autonomia no cuidado com a saúde. Esse processo é fundamental na formação de profissionais mais conscientes e preparados para atuar não apenas no cuidado do outro, mas também na gestão da própria saúde mental.

A mudança observada na percepção dos estudantes quanto à banalização do uso de psicotrópicos na sociedade também merece destaque. Após a intervenção, houve aumento na proporção de participantes que reconheceram esse fenômeno, sugerindo ampliação da consciência crítica em relação a fatores culturais e sociais que influenciam o consumo dessas substâncias. Esse resultado reforça o papel das intervenções educativas na ampliação do olhar dos estudantes para além da dimensão individual, incorporando aspectos sociais, culturais e estruturais do uso de medicamentos. Apesar dos resultados promissores, algumas limitações devem ser consideradas. O tamanho reduzido da amostra e a realização do estudo em uma única instituição limitam a generalização dos achados. Além disso, o delineamento antes-e-depois, sem grupo controle, impede a atribuição causal direta entre a intervenção e as mudanças observadas. Outro aspecto relevante é a ausência de acompanhamento longitudinal, o que impossibilita avaliar a manutenção do conhecimento e das mudanças de percepção ao longo do tempo. Diante disso, recomenda-se que estudos

futuros ampliem o número de participantes, incluam diferentes instituições e adotem delineamentos metodológicos mais robustos, com acompanhamento longitudinal e análise inferencial. Além disso, a implementação de intervenções educativas contínuas e integradas a políticas institucionais de saúde mental pode potencializar os efeitos observados, contribuindo para a redução do uso indiscriminado de psicotrópicos e para a promoção de uma formação acadêmica mais saudável e sustentável.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou a presença do uso de psicotrópicos entre estudantes de Medicina e demonstrou que intervenções educativas breves, como rodas de conversa, podem contribuir para o aumento do conhecimento, da sensibilização e do pensamento crítico sobre o uso dessas substâncias. Esses achados reforçam a importância da incorporação sistemática de estratégias educativas e de políticas institucionais de promoção à saúde mental no ambiente acadêmico, contribuindo não apenas para a formação técnica, mas também para o desenvolvimento de profissionais mais conscientes, críticos e preparados para o cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

1. AFONSO GRM, et al. Incidência do uso de psicotrópicos em estudantes de medicina de uma faculdade no interior de São Paulo. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2025; 25: e19811.
2. ANVISA. Medicamentos sujeitos a controle especial. Brasília: ANVISA, s.d.
3. BARBOSA GG, et al. Consumo de drogas sintéticas por graduandos de uma universidade pública: prevalência e fatores associados. SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), 2024; 20: e211144.
4. BRASIL. Contribuições para o uso racional de medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.
5. BRASIL. Relatório final: Diálogo de Alto Nível Política sobre Álcool e Outras Drogas, Saúde e Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2025.
6. SANTOS DO, et al. Uso indiscriminado de psicotrópicos e o aumento das emergências psiquiátricas. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2024; 7(14): e141164.
7. DURIGON V, et al. Práticas educativas de promoção ao uso racional de medicamentos na atenção primária à saúde. Saberes Plurais: Educação na Saúde, 2023; 7(2): e134054.
8. FERREIRA LR, et al. Uso de ansiolíticos e antidepressivos entre estudantes de Medicina. *Revista da* Associação Médica Brasileira, 2022; 68(3): 345-351.
9. OLIVEIRA MA, et al. Use of benzodiazepines among medical students and associated factors. Revista Brasileira de Educação Médica, 2023; 47(1): e012.
10. LEMOS-SANTOS P, et al. Drug use among medical students in São Paulo during the COVID-19 pandemic. São Paulo Medical Journal, 2024; 142(2): 1-8.
11. NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE. Drugs of abuse. Bethesda: National Institutes of Health, 2023.
12. PACHECO JP, et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review. Academic Psychiatry, 2021; 45(2): 144–152.
13. PAULA WD, et al. Did the COVID-19 pandemic influence the use of psychotropic medications by university students and LGBTQIAPN+? A Brazilian multicenter study. Cadernos de Saúde Pública, 2025; 41(3): e00231323.
14. PUCCI AOV, et al. Os fatores associados ao uso de substâncias psicoativas em estudantes universitários. Boletim da Academia Paulista de Psicologia, 2023; 43(104): 100–112.
15. RABAIOLLI AMS, et al. Uso indiscriminado de psicotrópicos em estudantes de medicina: fatores associados e impactos na saúde mental. Revista de Ensino e Saúde na Amazônia, 2025; 2(1): 230-241.
16. RAMALHO AA, ALBUQUERQUE RN. O uso de álcool e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. Comunicação em Ciências da Saúde, 2021; 32(2): 21-27.
17. SAMPAIO GR, et al. Use of psychoactive substances among university students from 2019 to 2020: a systematic review. Brain, Behavior & Immunity – Health, 2024; 35: 100724.
18. SANTOS JCG, et al. Medicalização do sofrimento psíquico na Atenção Primária à Saúde em um município do interior do Ceará. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2023; 33: e33010.
19. TOVANI JBE, et al. Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa. Revista Brasileira de Educação Médica, 2021; 45(3): e175.
20. VASCONCELOS KNF, et al. Adolescents' discourse on the consumption of psychoactive substances in schools. Revista Brasileira de Enfermagem, 2025; 78(4): e20240269.